

## Sumario

Introdução .....	02
Da Biografia .....	14
Do Tratado de Versalhes .....	26
Do Keynesianismo na Alemanha .....	37
Do 1º Milagre Econômico alemão .....	43
Da Moral na Gestão .....	63
Das Origens da Crise .....	66
Da Conclusão .....	79
Da Bibliografia .....	83

## Introdução

Keynes, um especialista em macroeconomia e defensor dos direitos humanos, sua biografia parece bastante contraditória e se modifica de autor para autor, mas o que nos chama a atenção são as partes não explicadas de sua história.

Sua influência sobre o governo alemão, em especial sobre o regime nazista é muito poucas vezes citada nessas obras, como sua preocupação na criação de empregos e a diminuição da influência dos mecanismos internacionais financeiros.

Parece que tentam diminuir sua contribuição ao dizer que ele foi apenas formado em matemática e não mencionam o apoio de seu professor e economista clássico *Marshall*, a quem sucedeu em sua cátedra.

O principal sobre Keynes era sua desconfiança ao capitalismo e sobre seus principais personagens (políticos, banqueiros e empresários) como ele mesmo expressou:

*“O capitalismo é baseado na estranha crença de que pessoas nojentas com motivos vis de alguma forma trabalham para o bem comum.”*

Sua mudança de visão, do clássico ao realismo, se deu a partir de sua contribuição para a crise de 1914, quando descobriu que os mercados financeiros eram bem diferentes das entidades organizadas que os economistas apresentavam nos livros.

As flutuações nos preços não refletiam necessariamente o conhecimento acumulado por agentes movidos de maneira racional, mas reagiam a julgamentos muitas vezes falhos feitos em um ambiente de profunda incerteza com relação ao futuro. A palavra-chave é “confiança”. Foi essa a idéia central que desenvolveria duas décadas depois, quando escreveu a sua principal obra, *“Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda”*, de 1936, quando o mundo enfrentava outra crise impiedosa, a Grande Depressão.

Nossas tomadas de ações dependem do otimismo ou, como ele chamou, “do espírito animal – uma necessidade espontânea de agir em vez de não agir”, escreveu ele na “Teoria Geral”. “Se o espírito animal arrefece e se o otimismo espontâneo esmorece, o empreendedorismo vai enfraquecer e morrer.” Por isso o governo precisa agir nas crises de maneira anticíclica, de modo a mitigar as oscilações nos ânimos dos mercados, porque eles são fenômenos sociais, e não matemáticos.

Como citou Frederick Hayek em seu discurso quando recebeu o Nobel de economia em 1975:

*“Mas eu devo confessar que, se tivesse sido consultado sobre o estabelecimento de um Prêmio Nobel de economia, eu certamente teria sido resolutamente contrário...”*

No mesmo livro, Keynes falou da “armadilha da liquidez”. Sem confiança, nem mesmo que taxas de juros baixas incentivam o “espírito animal” dos consumidores e dos empresários. Daí a importância da liderança política. Cabe ao governo o papel de coordenar as expectativas. Em termos práticos, uma ferramenta poderosa imaginada por Keynes seria o aumento dos gastos públicos. Os investimentos em obras e programas sociais deveriam compensar a retração na atividade do setor privado. O livro foi um ataque ao liberalismo dominante, regido pela convicção de que os mercados poderiam se autorregular.

Os autores que escrevem sobre Keynes tentam ajudar a entender o que deu certo no passado e os motivos do keynesianismo ter perdido apelo a partir dos anos 1970 e como ele pode ser resgatado hoje para contribuir não apenas no enfrentamento da depressão (tanto psicológica como econômica), mas também para superar desafios contemporâneos

como o aumento da desigualdade, a polarização política e as mudanças climáticas. Vamos citar alguns deles:

*Zachary Carter*, de 36 anos, escreve sobre economia e política no *Huffington Post*. Trata-se de um “millennial” (geração anterior a geração Z) que encontrou em Keynes um herói para iluminar e enfrentar os dilemas modernos. Para Carter, ele nos oferece a possibilidade de termos o melhor dos dois mundos: as virtudes do capitalismo com menos injustiça. E essa sempre foi a preocupação de *Keynes* (1883-1946), que procurou, como resume um de seus biógrafos, sempre equilibrar o tradicionalismo antirrevolucionário de *Edmund Burke* (1729-1797) com a democracia radical de *Jean-Jacques Rousseau* (1712-1778).

Em outras palavras, queria preservar toda a prosperidade oferecida pelo liberalismo, mas, ao mesmo tempo, mitigar injustiças. O grande dilema político da humanidade, escreveu Keynes, ***seria combinar a eficiência econômica, a justiça social e a liberdade individual***. Foi a isso que ele dedicou toda a sua obra. Quis salvar o capitalismo do próprio capitalismo. Carter vê um paralelo evidente com o mundo atual. Chegou a hora, ele argumenta, de domarmos o liberalismo e termos maior coesão social. Esse é o “***preço da paz***”.

“O título do livro (*O Preço da Paz: Dinheiro, Democracia e a Vida* de John Maynard Keynes) é muito feliz e resume muito bem o pensamento de Keynes”, afirma o economista Antônio Delfim Netto. “*Keynes entendeu claramente que era falsa a ideia de que a economia de mercado seria estabilizada automaticamente. Era necessário adicionar uma força para preservar o sistema. O Estado é parte essencial do equilíbrio.*”

De acordo com Delfim, o economista inglês é um herdeiro de grandes nomes do iluminismo britânico, particularmente de *John Stuart-Mill* (1806-1873). “*Todo o esforço desses intelectuais foi construir uma sociedade na qual o liberalismo fosse possível, onde a liberdade fosse possível e pudesse ser feita a correção de injustiças e de instabilidades da economia de mercado.*”

Uma das maiores instabilidades é o desemprego. A forma clássica de ajuste da economia é o corte de trabalhadores pelos empresários. Por isso, esse sempre foi um dos centros de atenção de Keynes. “*Os investimentos dependem do ‘espírito animal’ dos empresários. Portanto as decisões privadas estão sujeitas a grandes oscilações*”, diz José Oreiro, professor da Universidade de Brasília (UnB) e ex-presidente da **Associação Keynesiana Brasileira**.

*“A maneira de reduzir a instabilidade de ânimos dos empresários é que uma parte significativa dos investimentos seja realizada por um agente menos suscetível a oscilações – no caso, o Estado. Keynes acreditava que, para o capitalismo ser bem-sucedido, deveria ocorrer uma socialização do investimento e assim haver um nível de emprego mais elevado. E o que era essa socialização do investimento? Basicamente, o investimento do governo em infraestrutura”, afirma Oreiro.*

Segundo o economista *José Júlio Senna*, chefe do **Centro de Estudos Monetários do FGV/Ibre** e autor do livro *“Política Monetária – Ideias, Experiência e Evolução”*, Keynes dedicou-se a estudar situações nas quais havia uma deficiência crônica na demanda.

*“A atualidade do raciocínio de Keynes pode ser encontrada, por exemplo, no debate a respeito da tese de estagnação secular”, afirma Senna. “Voltamos a ter uma fase de deficiência crônica na demanda. Temos, no mundo atual – mesmo antes da pandemia -, muita gente querendo poupar e pouca gente querendo investir.”* Um dos reflexos foi a queda histórica nas taxas de juros: ainda assim, os investimentos não crescem e a produtividade decepciona. *“Isso é algo que vai persistir no pós-pandemia – e exatamente pelo*

*motivo keynesiano, que é a insegurança, a incerteza”, diz Senna.*

Desde a morte de Keynes, em 1946, o planeta não vivia um quadro tão desafiador. Da mesma maneira que não existem ateus em queda de avião, como diz a antiga piada, nós todos somos keynesianos diante de uma crise da dimensão atual – que está longe de ser apenas econômica e é também *sanitária, psicológica e política.*

Os governos pelo mundo anunciaram programas de investimentos bilionários, para proteger a saúde pública e sustentar as famílias e empresas mais frágeis. *“Raros foram os economistas que analisaram com tanta argúcia como surge uma depressão e como enfrentá-la, e ninguém o fez de maneira tão brilhante como Keynes”,* afirma o economista **José Roberto Afonso**, professor do **Instituto de Direito Público (IDP)** e autor do livro *“Keynes, Crise e Política Fiscal”*.

*“Como o mundo está mergulhado em uma recessão, é natural que os governos e os economistas recorram aos ensinamentos de Keynes. Ainda que as razões atuais sejam outras, o mal é o mesmo.”* Para o economista, vivemos uma situação excepcional, que requer uma ação de guerra e muita criatividade.